



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 17 DE JUNHO DE 1999

Senhor Chefe da Casa Militar da Presidência da República, General Alberto Cardoso; Senhores Ministros de Estado; Senhores Secretários de Estado; Senhores Embaixadores; Senhores Presidentes de organismos internacionais; Senhor Governador Marconi Perillo, do Estado de Goiás; Senhores Parlamentares e Líderes; Senhor Secretário Nacional Antidrogas, Doutor Walter Maierovitch; Senhoras e Senhores,

O General Alberto Cardoso, ao listar o número de eventos de que tive a honra de participar, deu-me o ensejo de dizer que aprendi muito nesses eventos. Vejo, com alegria, que o que, no início, era apenas um desenho de uma coordenação – a Secretaria Nacional Antidrogas, a Senad – para permitir maior eficiência no combate às drogas, hoje, é uma realidade que se espalha, através de ações, através de convênios, de organizações.

Isso é fundamental. Todos sabemos – não preciso ensinar aquilo que aprendi de vocês mesmos – que não basta a repressão, embora ela seja necessária. Não basta, simplesmente, o Governo se preocupar com uma questão. É necessário que, efetivamente, exista um pro-

cesso ativo de reorientação das pessoas na vida cotidiana. E isso depende das famílias, depende das escolas, depende das igrejas, depende das fábricas, depende de alguma coisa que é muito ampla, da sociedade brasileira, da sociedade contemporânea.

Esta guerra é para ser ganha, como há pouco dizia o General Cardoso. Temos que dar a boa batalha. E a boa batalha, no combate às drogas, tem que envolver o conjunto do país. Isolados não venceremos, nem as famílias, nem os que são encarregados da repressão, nem os que estão no governo, encarregados de desenhar planos de coordenação, nem o Congresso Nacional, nem ninguém.

Precisamos, efetivamente, criar um movimento, criar um espírito que leve o conjunto da população a perceber que o maior mal da sociedade contemporânea é a disseminação do uso da droga.

Já referi em alguma vez – mas repito hoje – que, aqui, neste mesmo Palácio, há muitos anos, por ocasião da posse simbólica do Presidente Tancredo Neves, que foi, na verdade, efetivada pelo Presidente José Sarney, eu, então, era líder, indicado pelo Presidente Tancredo Neves e assistia ao primeiro encontro do Ministério. Para surpresa de quase todos nós, o então Chanceler, que tinha sido nomeado naquela oportunidade, Olavo Setúbal, colocou na agenda do Ministério das Relações Exteriores a questão do narcotráfico e a questão das drogas. Isso, para pasmo de muitos de nós, que não víamos a relação entre uma agenda do Ministério das Relações Exteriores e a questão das drogas.

Hoje, passados alguns anos, dez anos ou mais, vê-se, com naturalidade, que está na agenda das nações o problema do narcotráfico, do combate às drogas. Essa é, realmente, a grande guerra, no início do próximo milênio.

Houve mudança positiva, portanto, no Brasil. Aquilo que parecia algo, enfim, inesperado, em nível de Governo, hoje, é mais do que esperado. E se cobra muito mais, se cobra uma ação efetiva, por parte do Governo. E, mais do que isso, se cobra esse entrosamento a que me referi.

Uma das características da sociedade contemporânea, a mais óbvia, é que essa é uma sociedade cuja coesão se mantém através dos

meios de comunicação. Não existe mais a possibilidade, como noutras sociedades menos diferenciadas, mais simples e menos complexas, de que uma ação direta, face a face, possa ser suficiente para que se obtenham as regras de comportamento, os valores morais necessários para a coesão social.

Na sociedade contemporânea, dependemos, em larga medida, dos meios de comunicação. Mas meios de comunicação não significam apenas o rádio, a televisão, o jornal. Significam, também, essas redes que se estabelecem; não me refiro só à Internet e às redes mais modernas de comunicação, mas a essa interconexão que, muitas vezes, não aparece como parte constitutiva da espinha dorsal da sociedade e, menos ainda, como algo essencial ao Estado, que são as organizações não-governamentais, que são os grupos que se organizam e se articulam através desses convênios. É a formação, portanto, de uma capilaridade da sociedade.

É disso que se trata. Não vamos conseguir ganhar essa batalha, se não motivarmos o conjunto da sociedade, através dessas redes de cooperação, através dos meios de comunicação e através da exemplaridade. Ao ver o cartaz aqui apresentado, sobre os jogadores de futebol, quase aplaudi o Palmeiras, sendo eu do Corinthians. Como foi “quase”, eu aplaudo agora. E, ao aplaudir o Palmeiras, aplaudo todos e, naturalmente, o Corinthians, e, naturalmente, o Flamengo. Aplaudivos todos e não vou esquecer do Vasco, que são os meus clubes, porque, se não houver esse tipo de penetração, não vai haver a possibilidade de, efetivamente, o País sentir a tragédia da droga.

Nós estamos, aqui, contando, hoje, com a presença do Luciano Huck, a quem quero também agradecer a presença, porque é desse tipo de ação – de ação de pessoas que têm a capacidade de falar diretamente, sobretudo aos mais jovens – que nós precisamos.

Governar, hoje, não é mais apenas assinar decretos e, muito menos, gritar e, muito menos, ter atitudes bizarras. Governar é motivar, é fazer com que as pessoas se entendam na direção desejada, na direção almejada. Governar, portanto, deixa de ser um atributo só do Estado ou do Governo ou do Presidente, para ser um processo

muito mais amplo, porque ou ele, realmente, se insere no conjunto da sociedade e é aceito como alguma coisa válida e legítima ou, então, se perde, às vezes, até em um bate-boca entre um setor e outro da própria vida política e se esgota neste ato.

Aqui, é o oposto disso que nós estamos, nesta Semana Antidrogas, comemorando e celebrando: é a articulação de toda a sociedade com o Governo. Mas não é uma articulação que possa ser comandada desde Brasília. É uma articulação que pode ser, sim, inspirada, e não só por Brasília, mas que vai precisar de uma ação cotidiana e desse alcance de difusão que só os meios de comunicação, os comunicadores, aqueles que são exemplares possuem – por isso me referi aos jogadores, aos clubes de futebol –, o empenho dos setores empresariais, o alerta permanente do Congresso Nacional. Com esse conjunto é que nós podemos avançar.

Já que falei que o Doutor Olavo Setúbal mencionava o combate ao narcotráfico, é essencial que se entenda – a expressão foi do Juiz Maierovitch – que existem aqueles que ganham dinheiro com as drogas – são eles o verdadeiro sustentáculo da droga. Portanto, combater a droga não é apenas subir os morros do Rio de Janeiro e dar tiros, às vezes, a esmo, que matam uns e outros e que, no momento seguinte, não têm efeito nenhum. Nem é, sequer, como nós vimos ontem, no caso da região do que se chamava, antigamente, de Polígono da Maconha e que, agora, é o Projeto Pajeú-Moxotó. Estamos fazendo renascer a região com uma nova base econômica. Não é, sequer, nós apenas nos concentrarmos nisso, que é muito importante. Não é dispensar, porque seria indispensável, a ação da Polícia Federal, da repressão, das Forças Armadas, dentro do processo constitucional delas. É mais do que isso: é combater os instrumentos de reprodução da riqueza malsã. Daí, o Congresso e as leis contra a lavagem de dinheiro. Daí, os controles da Receita Federal, do Banco Central, das articulações na Procuradoria da República, para que possamos, em todos os níveis, estar atentos aos pilares de sustentação da praga da droga.

É com esse espírito que iniciamos a comemoração, a celebração da Semana Antidroga. E é com esse espírito também que felicito a disposição, o denodo, realmente o sentido quase de missão que o general Cardoso tem demonstrado à frente da Secretaria. Agradeço também aos colaboradores da Secretaria, na pessoa do Juiz Maierovitch.

Estou absolutamente convencido de que, se fizermos essa convergência dentro do Governo: Ministério da Justiça, Secretaria Antidrogas, Forças Armadas, Ministério de Reforma Agrária, por causa da questão do que fazer com os plantadores de droga, e, sobretudo, com essa convergência com o conjunto da sociedade, vamos ganhar as várias batalhas dessa guerra contemporânea.

Muito obrigado.